



PERSPECTIVAS SOBRE OS ARTEFATOS DE CAPIM DOURADO E A CULTURA DO POVOADO MUMBUCA: LEVANTAMENTO EM PESQUISAS ACADÊMICAS

Maria Dilma de Lima¹, Ruberval Rodrigues de Sousa², Glêndara Aparecida de Souza Martins³, Helder Alexandre Amorim Pereira⁴

1. Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Mestre em Ciência da Computação pela Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Engenharia da Produção pela Universidade Federal do Amazonas. Graduada em Desenho Industrial pela Universidade Federal da Paraíba. (mariadilma@uft.edu.br)
2. Mestre em Desenvolvimento Local, pela Universidade Católica Dom Bosco
3. Professora Assistente da Universidade Federal do Tocantins.
4. Professor Assistente da Universidade Federal do Amazonas.
Palmas/TO - Brasil

Recebido em: 06/10/2012 – Aprovado em: 15/11/2012 – Publicado em: 30/11/2012

RESUMO

Este trabalho propõe um levantamento de dados nos estudos realizados com o “Capim Dourado”, *Syngonanthus nitens*, por acreditar na necessidade de evidenciar essa biodiversidade tão representativa para a comunidade do povoado Mumbuca, situada na região do Jalapão no interior do Estado Tocantins, corroborando com a comunidade que dá vida ao artesanato, sendo essa biodiversidade ligada à tradição do seu povo e sua maior fonte de renda. Os estudos até então realizados dão importância às práticas de manejo relacionadas à sustentabilidade da biodiversidade, sem adentrar no ciclo de vida dos artefatos produzidos, ao processo produtivo, bem como à comercialização desses produtos, ficando também fora do foco das pesquisas a cultura da comunidade, assim como busca de alternativas que possam melhorar a qualidade e durabilidade dos seus produtos, por fim, definindo uma linha de produtos em conformidade com selo de localização geográfica ainda não utilizado, sendo este viés relevante para o desenvolvimento local, podendo vir a proporcionar agregação de valor aos produtos, revertendo-se em maior retorno financeiro às comunidades que têm no artesanato do capim dourado uma de suas principais fontes de renda.

PALAVRAS-CHAVE: Capim dourado, Comunidade Tradicional, Artesanato, Biodiversidade.

PERSPECTIVES ON THE GOLDEN GRASS ARTIFACTS AND CULTURE OF THE TOWN MUMBUCA: SURVEY OF ACADEMIC RESEARCH

ABSTRACT

This paper proposes a data collection in studies of the "Golden Grass", *Syngonanthus nitens*, believing in the need to highlight this biodiversity

ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v.8, n.15; p. 2541 2012

as representative for the community Mumbuca village, situated in the region of Jalapão in the Tocantins State, supporting the community that gives life to the craft, being this biodiversity connected to the people's tradition and its largest source of income. The studies conducted so far give importance to management practices related to sustainability of biodiversity, without entering in the lifecycle of the artifacts produced, the production process as well as the marketing of these products, also getting out of the focus of the research community culture, and search for alternatives that can improve the quality and durability of its products, ultimately defining a product line under seal unused geographical location, this bias is relevant to local development and could provide added value products, reverting to a greater financial return to the communities that have the golden grass handicrafts in one of its main sources of income.

KEYWORDS: Golden Grass, Traditional Community, Crafts, Biodiversity.

INTRODUÇÃO

O estado do Tocantins possui 139 municípios, destes, 15 localizados no leste do estado que compõem a região do Jalapão. Nessa região, as belezas cênicas atraem turistas de toda parte do mundo, nela encontra-se a maior área contínua de Cerrado no interior de Unidades de Conservação de proteção integral, o Parque Estadual do Jalapão (PEJ – 158.885 ha) e a Estação Ecológica Serra Geral de Tocantins (716.306 ha.), que constituem uma área conjunta de quase 8.750 Km² (SCHMIDT, 2005). Há ainda na região duas Áreas de Proteção ambiental: A APA Jalapão e a APA Serra da Tabatinga (Fig.1).

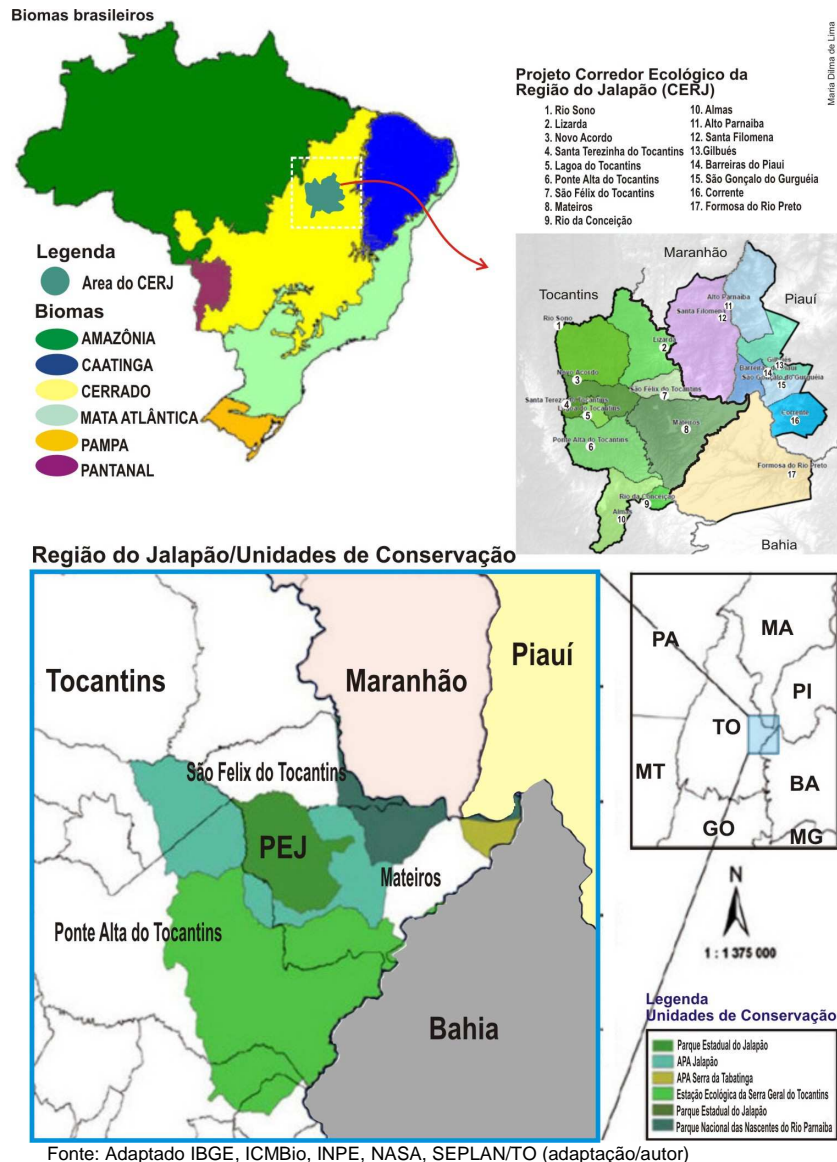


FIGURA . 1 - Distribuição dos biomas brasileiros, Região do Jalapão, área de inserção do Projeto Corredor Ecológico e Unidades de Conservação.

Na região do Jalapão (Fig.2) destacam-se os municípios de Mateiros com área de 9.583 km² e 2.223 habitantes, Ponte Alta do Tocantins com área de 6.491Km² e 7.180 habitantes e São Felix do Tocantins com área de 1.908 Km² e 1.437 habitantes (IBGE 2010). A economia desses municípios baseava-se fundamentalmente na agricultura de subsistência e na pecuária extensiva. Entretanto, a partir de meados da década de 1990 o turismo e o artesanato de capim dourado, se tornaram importantes fontes de renda.

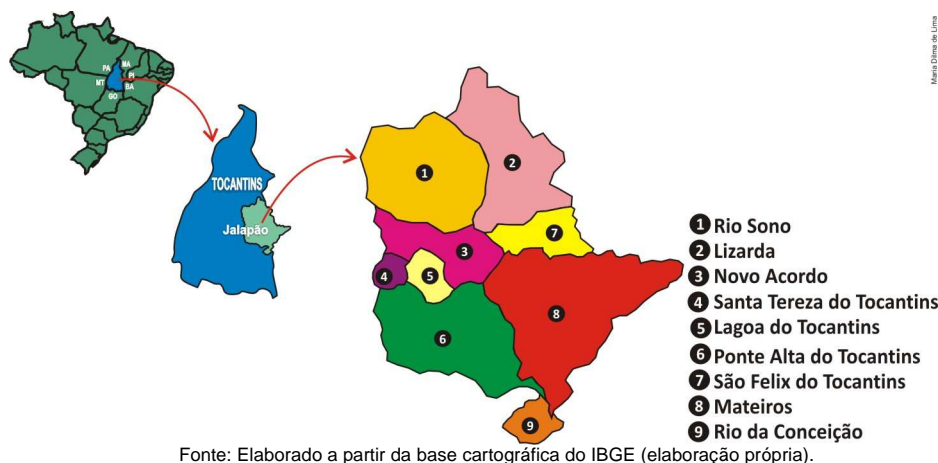


FIGURA 2 - Mapa ilustrativo dos municípios da Região do Jalapão - TO.

Conforme dados do IBGE (2010) o município de Mateiros é referência na produção do artesanato do capim dourado, cujo núcleo está localizado na comunidade Mumbuca, composta por descendentes de quilombolas. Segundo SOUSA (2009) o povoado Mumbuca abriga uma comunidade de cerca de 225 pessoas, e esta comunidade encontrou em um capim típico da região, o capim dourado, antes usado para fazer utensílios domésticos, a matéria-prima para a produção de artesanato.

O artesanato no Jalapão

Conforme FIGUEIREDO (2007), o artesanato do capim dourado iniciou na comunidade do Mumbuca, município de Mateiros, há cerca de oito décadas quando um membro da comunidade aprendeu a técnica com índios, possivelmente da etnia Xerente, que por ali passaram. A técnica foi transmitida entre as mulheres das famílias da comunidade, algumas delas já residindo na sede do município, quando o artesanato era usado apenas em utensílios domésticos. Dona Guilhermina Ribeiro da Silva (conhecida como Dona Miúda), dona Silvéria Pereira Gonçalves (conhecida como Dona Severa) e dona Inocência Nepomuceno Ribeiro foram as maiores responsáveis pela difusão do artesanato (SCHMIDT, 2005).

Com a chegada do turismo, a divulgação do Jalapão e do artesanato de capim dourado pelo governo do estado do Tocantins em meados de 1990, as vendas dos artefatos produzidos com capim dourado, passaram a ser significativas e a atividade tornou-se comum entre os moradores de todo o Jalapão, inclusive entre alguns homens.

O governo do estado do Tocantins e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) foram responsáveis por parte da disseminação do artesanato, promovendo cursos de capacitação em muitos povoados, embora a maioria dos artesãos afirmem ter aprendido sozinhos, observando os mais experientes (SCHMIDT, 2005). Hoje é difícil encontrar uma família do Jalapão onde pelo menos uma pessoa não saiba confeccionar o artesanato de capim dourado.

A Associação de Artesãos em Capim Dourado da Região do Jalapão (AREJA) protocolou junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI)

o primeiro pedido de indicação geográfica (IG) de artesanato brasileiro, referente a trabalhos manuais confeccionados em capim dourado na região do Jalapão, sendo este na categoria indicação de procedência (IP), que delimita uma área conhecida pela fabricação de certos produtos, mas sem relação direta com o meio.

Na AREJA encontram-se cadastrados aproximadamente 3.000 artesãos ligados a nove Associações, distribuídas em oito municípios a saber: Ponte Alta do Tocantins, São Felix do Tocantins, Lizarda, Santa Tereza do Tocantins, Lagoa do Tocantins, Novo Acordo, Rio Sono e Mateiros (Fig. 2). Sendo que Mateiros possui duas associações uma no próprio município e a outra no povoado Mumbuca onde fica a sede da AREJA.

O selo de Indicação geográfica foi concedido em agosto de 2011, no entanto, ainda não foi utilizado conforme informações da presidente da AREJA, Ana Claudia Matos da Silva, devido a não adequação das peças produzidas de acordo com os procedimentos estabelecidos para obtenção do referido selo.

SOUSA (2009) afirma que o artesanato produzido com o capim dourado passou a ser a principal fonte de renda das famílias do povoado Mumbuca, e tornou-se uma “marca registrada” do Estado do Tocantins, passando a ser divulgado em várias partes do mundo por turistas que visitam o Jalapão.

Processo produtivo

No processo produtivo da biojoia do capim dourado, a parte utilizada é o escapo e para que este fique maleável ao ponto de ser manuseado com a flexibilidade necessária para que não venha a se romper durante a confecção, conforme informação de Ana Claudia, presidente da AREJA, se faz necessário que o mesmo fique de molho por alguns minutos, o douradinho necessita de cerca de cinco minutos e o douradão cerca de 10 minutos de molho, o líquido utilizado pelos artesãos para o molho é água. Ainda de acordo com a presidente, nas peças confeccionadas com o capim dourado mais evidentemente nas confeccionadas com o douradinho, independente de como sejam acondicionadas com o passar do tempo (após um ano) começam a surgir um pó que reduz o brilho das mesmas, deixando-as opacas, perdendo assim um dos maiores atrativos das biojoias produzidas com essa biodiversidade.

O Artesanato e a Comunidade Mumbuca

O modo de vida de uma civilização constitui a sua cultura, e a arte é um dos principais veículos de difusão de cultura de um povo. Muito do que se sabe hoje sobre a vida de civilizações do passado, só chegaram ao conhecimento das gerações contemporâneas através das mais variadas formas de arte desses povos, quer seja através de objetos cerâmicos, tecidos, pinturas, danças, dentre inúmeras outras manifestações artísticas.

O artesanato é uma das principais formas de difusão e transferência de conhecimentos culturais sobre uma região ou comunidade, de acordo com o Conselho Mundial de Artesanato (*apud* SEBRAE, 2004, p. 21) o conceito dado de artesanato é: “[...] toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade. [...]”.

Em se tratando de comunidades tradicionais o produto do seu trabalho artesanal traz em suas características os traços de sua tradição, SEBRAE (2004, p. 22):

[...] Artesanato tradicional é o conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições, porém incorporados à sua vida cotidiana. Sua produção é, em geral, de origem familiar ou de pequenos grupos vizinhos, o que possibilita e favorece a transferência de conhecimentos sobre técnicas, processos e desenhos originais. Sua importância e seu valor cultural decorrem do fato de ser depositária de um passado, de acompanhar histórias transmitidas de geração em geração, de fazer parte integrante e indissociável dos usos e costumes de um determinado grupo.[...].

[...] Do ponto de vista antropológico, a identidade é constituída, principalmente, a partir de dois elementos principais: as características presentes no espaço territorial ocupado e o conjunto de símbolos e signos linguísticos, códigos e normas (moral e ética), objetos, artefatos, costumes, ritos e mitos (religião, folclore, música, culinária, vestimentas etc.) aceitos e praticados coletivamente, capazes de distinguir um determinado grupo social dos demais. [...] Conhecer suas origens, seu passado e sua história é o ponto de partida para a construção desta desejada identidade. [...].

Através da obra *Arte e Artesanato* da Escola de Belas Artes da UFMG (2001) destacou a arte como sendo uma parte da cultura sem a qual esta não seria transmitida integralmente à contemporaneidade:

[...] Nosso ponto de vista é o de que a arte é comunicação e, sem os mecanismos de comunicação, evidentemente, a cultura não poderia ter sido transmitida, pelo menos em parte às gerações seguintes. [...]

[...] A arte é uma necessidade do homem, e tudo que sabemos sobre o homem em suas primeiras épocas (além de suas ossadas) deve-se ao artesanato. O homem primitivo escavou, gravou ou pintou nas paredes rochosas dos seus abrigos [...] as primeiras manifestações da arte Pré-Histórica. [...]

Sendo que o artesanato é uma das principais ligações do homem com o meio ambiente no qual vive, essa relação acaba despertando um sentimento de pertença e respeito pelo local onde constrói o seu território, de onde tira-se o sustento das famílias e garante-se a preservação ambiental.

Desde 1990, o potencial turístico do Jalapão passou a ser explorado por pessoas de todas as regiões, e com isso começou a ser também difundido o artesanato produzido com o capim dourado pela comunidade local, conforme relata SCHMIDT (2005), com isso, a região passou a ser objeto de pesquisas científicas, visando estudar a matéria-prima – o capim dourado, o foco acaba sendo a sustentabilidade da matéria prima, passando a existir uma lacuna entre esta e o produto final.

Há quase um século o Mumbuca sobrevive da agricultura de subsistência, os costumes praticados hoje na comunidade, são, em sua grande maioria, os mesmos praticados no início do século passado e transmitidos através das gerações. As moradoras desde cedo aprendem a trançar o capim dourado e com ele criar utensílios para serem utilizados pela família.

As peças produzidas com o capim dourado (Fig. 3), deixaram de ser apenas utensílios de uso doméstico, e hoje produzem bolsas, bijuterias e objetos de

decoração e arte



Foto: Ruberval Rodrigues

FIGURA 3 - Artesanato exposto na sede da Associação do Povoado Mumbuca.

Os turistas de todas as partes do mundo que passaram a visitar o Jalapão começaram a comprar e difundir o capim dourado e o artesanato das comunidades da região passou a ser difundido em todo o Brasil e até no exterior.

Com a expansão comercial, o produto começou a ser valorizado e esta passou a ser a principal fonte de renda do povoado.

O artesanato com o capim dourado ganhou fama, impulsionou a economia do povoado e atraiu inúmeros pesquisadores com o intuito de mostrar os avanços econômicos ou a biodiversidade do capim, e a comunidade que dá vida ao artesanato aparece sempre como parte menos importante nos estudos. Os estudos até então realizados não dão a devida importância à cultura local, como se esta fosse irrelevante para o desenvolvimento local.

Capim dourado – douradão e douradinho

O Capim dourado, *Syngonanthus nitens* Bong. Ruhland, pertence à família Eriocaulaceae, que tem cerca de 1200 espécies, predominantemente herbáceas, reunidas em 10 gêneros de distribuição pantropical (HENSOLD & GIULIETTI, 1991).

Segundo SANO (1996), no Brasil são conhecidas 407 espécies, 67% destas restritas a Minas Gerais. O capim dourado tem ampla distribuição geográfica, ocorrendo em campos de altitude de porção central da América do Sul, do Mato Grosso ao Paraguai (PARRA, 1998), e em campos úmidos de Cerrado (SCARIOT *et al.*, 2002). No Cerrado, o capim dourado ocorre em uma faixa de umidade intermediária nos campos limpos e úmidos adjacentes às veredas.

No Tocantins o capim dourado existe em alguns municípios localizados na região do Parque Estadual do Jalapão, considerado o maior parque do estado, no município de Mateiros os moradores do povoado Mumbuca começaram a utilizar o capim dourado para a confecção de utensílios e artesanato há cerca de oito décadas.

De acordo com FIGUEIREDO (2007), o capim dourado é uma erva com caule curto, folhas em roseta basal com diâmetro entre 2-8 cm, conhecido como sapata de onde partem 3-10 escapos terminais. As folhas são pouco pilosas, lineares e oblongas com ápice acuminado. Os escapos dourados possuem de 13 a 60 cm de comprimento e os capítulos, na extremidade dos escapos, possuem brácteas involucrais creme e brilhantes (GIULIETTI *et al.*, 1996; PARRA, 1998; SCHMIDT, 2005). O capim dourado apresenta grande variação morfológica no seu aspecto vegetativo, principalmente em relação às dimensões e pilosidade das folhas, das sapatas e dos escapos (Fig. 4). Diversas variedades já foram descritas, porém, não estão bem delimitadas, o que dificulta sua correta identificação (PARRA, 1998).



FIGURA 4 - Representação esquemática da planta do capim dourado.

Poucos são os trabalhos técnico científicos encontrados na literatura que versam sobre o capim dourado. Tal fato leva a crer, que o capim dourado tornou-se objeto de estudos científico há pouco tempo. Os trabalhos encontrados limitam-se ao diagnóstico do solo, produção e germinação de sementes, formas de manejo e efeito do fogo para promover a floração, conforme demonstrado a seguir.

SILVA *et al.*, (2010) realizou um diagnóstico do solo em áreas de ocorrência de capim dourado na região do Jalapão", e ressaltou à importância da preservação das veredas, campos nativos e dos cerrados para a manutenção do ecossistema onde se desenvolve o capim dourado (*Syngonanthus nitens*). Analisando as amostras de solo quanto aos atributos químicos e físicos, SILVA *et al.*, (2010), concluíram que dentre os atributos estudados nos Campos Úmidos, dois deles se sobressaem em relação ao Cerrado: os elevados teores de matéria orgânica e umidade, o que pode explicar a ocorrência do *S. nitens* nestas áreas. Os referidos autores enfatizam ainda que o *S. nitens* mostrou-se ser uma espécie, altamente, adaptada e tolerante ao estresse hídrico, elevados teores de alumínio e pobreza de nutrientes. Porém, ressaltam ainda que existe carência de informações na literatura quanto à comparação da morfologia vegetal do *S. nitens* presente no Parque

Estadual do Jalapão e espécies de *Syngonanthus* ocorrentes em campos úmidos no Distrito Federal e Chapada dos Veadeiros, em Goiás.

SCHMIDT *et al.*, (2008), desenvolveram o estudo com objetivo de conhecer a época de produção e dispersão das sementes, bem como seu potencial germinativo, propondo formas de manejo que garantam a sustentabilidade econômica e ecológica deste extrativismo, concluindo que a colheita de escapos após a frutificação (a partir do final de setembro) e a dispersão manual das sementes pelos próprios extrativistas no momento da colheita são estratégias importantes para o manejo da espécie e não prejudicam a atividade artesanal que está focada nos escapos e não nas flores, como ocorre para outras sempre-vivas.

De acordo com FIGUEIREDO (2007), o capim dourado é uma espécie resiliente, com grande potencial para a geração de renda para populações locais e para a conservação do Cerrado no Jalapão.

Considerando as premissas que as plantas do cerrado convivem com o fogo, natural ou antrópico há milhares de anos e que o fogo é usado pelas comunidades locais com o intuito de promover a floração do capim dourado. FIGUEIREDO (2007), avaliou o efeito do fogo em parâmetros populacionais de capim dourado em três campos úmidos no Jalapão, testando o efeito de queimadas com intervalos de dois e três anos e a roçagem na densidade total de indivíduos, densidade de indivíduos floridos, recrutamento, sobrevivência e produção e dispersão de sementes. Após a condução do referido estudo concluiu que: i) o fogo estimulou a floração de capim dourado, e a roçagem causou a manutenção da densidade de indivíduos floridos; ii) a exclusão do fogo causou um grande decréscimo na densidade de indivíduos floridos; iii) a densidade total de indivíduos, o recrutamento, a sobrevivência e a curva de dispersão das sementes não foram afetados pelo fogo e pela roçagem; iv) a grande diversidade ambiental dentro e entre os campos úmidos estudados pode ter ocasionado variações nos resultados obtidos.

SOUSA (2009) identificando e analisando as relações da comunidade remanescente de quilombolas, do povoado Mumbuca no Jalapão em Mateiros, concluiu que a tradição em torno do capim dourado é passada de pai para filho há várias gerações, entretanto, a comunidade não ganhou a mesma importância que o fruto do seu trabalho - o artesanato do capim dourado. Ainda conforme SOUSA conhecimentos sobre o manejo repassados pelos mais antigos, são ratificados por pesquisadores e disseminados da seguinte maneira no povoado:

[...] a colheita do capim só pode ser feita da metade do mês de setembro até a metade do mês de outubro quando já está maduro. Assim, sem precisar por força o capim solta do pé, não estando maduro, você puxa e arranca junto com o fio a planta, e aquele pé morre, e se o capim não estiver maduro a peça não tem o brilho especial. É preciso respeitar a natureza, senão ela não dá mais capim para nós trabalhar, a vida do capim é a nossa vida. [...] (Dona Santinha - Povoado Mumbuca, 18.07.09).

SOUSA (2009) finaliza ratificando as palavras da moradora de que os conhecimentos vindos dos ancestrais não mudaram, viraram tradição que compõe a história local.

A produção artesanal com o capim dourado tornou-se o principal meio de subsistência no povoado Mumbuca, todos na comunidade conhecem o processo de

manejo do capim desde a germinação até a colheita, assim como a arte de trançar os fios e transformá-los em peças ornamentais.

Ao mesmo tempo em que o fazer mumbuquense – artesanato, retrata a tradição de um povo que já dura mais de um século, para se manter no mercado não deixa de ser moderno. A técnica utilizada na confecção das peças é a mesma empregada pelos antepassados, mas como tornou-se uma atividade econômica para atender diversos mercados consumidores, o *design* das peças acompanha as exigências do seu público consumidor, sem deixar de lado a beleza do capim e as adequações do seu trabalho visando a satisfação do cliente, viabilizando desta forma a permanência do artesanato do capim dourado como sua principal fonte de sobrevivência.

Tradição e Preservação

O artesanato confeccionado com o capim dourado (*Syngonanthus nitens*) pode ser considerado patrimônio da comunidade mumbuca, comunidade que ocupa esse espaço desde o início do século XX, e vem, ao longo das gerações repetindo o modo de vida dos seus antepassados, principalmente no tocante à produção de artesanato com o capim dourado, planta que cresce nas veredas, regiões úmidas muito comuns na região, que é “costurado” com a seda do Buriti, palmeira também facilmente encontrada nas encostas das veredas.

Considerando-se o saber acumulado pelas pessoas mais idosas sobre a comunidade, é geralmente a eles que todos recorrem quando querem relatar minuciosamente as histórias acumuladas durante um século de ocupação do espaço e construção da identidade desse povo. A cultura em torno do artesanato do capim dourado sempre foi muito importante para os nativos do Mumbuca, tanto que, diante da ameaça da espécie pelos “traficantes” desse capim, recorreram ao poder público em busca de ações de controle de manejo, bem como instituição de critérios para se praticar a extração do capim dourado, impedindo assim a atuação desmedida e desrespeitosa de pessoas alheias ao lugar e, que visando apenas os lucros obtidos através do artesanato do capim dourado, não se preocupam com a preservação do principal elemento da cultura local e também principal fonte de renda do povoado – o capim dourado.

Os moradores mais novos do povoado Mumbuca dizem já terem nascido em uma época em que praticamente todas as atividades no povoado, com exceção do plantio de roças, envolviam o capim dourado, e que aprenderam a arte e sabem que também viverão da mesma assim como os seus pais e avós.

Já como reflexo da interação com entidades externas voltadas para o auxílio da comunidade na preservação do seu território, após perceber os problemas trazidos pela falta de conhecimento sobre os cuidados com a planta, começou-se a ter maior preocupação acerca dos conhecimentos transmitidos para os próprios moradores, para outras comunidades que vivem do capim dourado e também para os visitantes.

O povoado Mumbuca faz parte de um histórico de comunidades que por muitas gerações escreveram, em um mesmo espaço, o seu território. Gravaram no local a sua identidade e ensinaram aos seus descendentes os valores de uma cultura que resiste há quase um século de tradição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente o capim dourado vem sendo utilizado para a confecção de artesanato, peças de decoração e bijuterias. A disseminação de artefatos em capim dourado tem ocorrido de forma célere, ganhando espaço na mídia nacional e inserção no mercado internacional em virtude das características da matéria prima utilizada.

O fazer no povoado é artesanal, o que move a vida daquela gente é a arte que vem de sua tradição, o que se observa na revisão de literatura é que, respeitando a tradição houve mudanças acentuadas no modo de vida da comunidade nas últimas décadas. Antes, viviam quase que exclusivamente do que conseguiam produzir no próprio povoado, hoje têm acesso a produtos que antes não tinham, pesquisas foram desenvolvidas visando a perenidade da biodiversidade, no entanto, inexistem propostas que busquem aperfeiçoar o processo produtivo.

Não foram encontrados na literatura estudos sobre processamento do capim dourado. Tais estudos são de alta relevância, visto que o processamento adequado pode conferir maior longevidade e conseqüentemente melhoria na qualidade das peças, podendo vir a proporcionar maior agregação de valor aos produtos revertendo-se em retorno financeiro às comunidades que têm no artesanato do capim dourado uma de suas principais fontes de renda.

Considerando a importância do capim dourado para as comunidades do Parque Ecológico do Jalapão, que tem nesta biodiversidade sua principal fonte de renda, faz-se necessário aprofundar estudos que investiguem novos conhecimentos buscando aprimorar a forma de utilização deste recurso natural, que implementem a utilização do selo de Indicação Geográfica; que averiguem o agente microbiano que deteriora os artefatos, propondo um tratamento, que avaliem o processo produtivo identificando oportunidades de melhoria e por fim o desenvolvimento de uma linha de produtos com proposta de *design* concebida nomeadamente para o capim dourado da região do Jalapão.

REFERÊNCIAS

IBGE, 2010. **Censo Demográfico e Contagem Populacional de 2010**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes aos municípios da Região do Jalapão no Estado do Tocantins. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=171270, Acesso em: 17/05/2012.

FIGUEIREDO, I. B. **Efeitos do Fogo nas populações de capim dourado (*Syngonanthus nitens* Eriocaulaceae) na região do Jalapão, TO**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ecologia. Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

GIULIETTI, A.M., WANDERLEY, M.G.L., LONGHI-WAGNER, H.M., PIRANI, J.R. & PARRA, L.R. Estudos em "sempre vivas": taxonomia com ênfase nas espécies de Minas Gerais, Brasil. **Acta bot. bras.** 10 (2): 329-383. 1996.

HENSOLD, N. & GIULIETTI, A. M. **Revision and redefinition of the genus**

Rondonothus Herzog (Eriocaulaceae). Annals of the Missouri Botanical Garden 78 (2):441-459. 1991.

PARRA, L. R. Flora de Serra do Cipó, Minas Gerais: *Syngonanthus* Ruhland (Eriocaulaceae). **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** 17:219-254, 1998.

SANO, P. T. Fenologia de *Paepalanthus hilairei* Kierb., *P. polyanthus* (Bong.) Kuth e *P. robustus* Silveira: *Paepalanthus* Sect. *actinocephalus* Koern. - Eriocaulaceae. **Acta Botanica Brasilica** 10(1):317-327, 1996.

SCARIOT, A.O., CAVALCANTI, T.B., SEVILHA, A.C., SAMPAIO, A.B. SILVA, M.C. & SILVA, G.P. **Flora e Vegetação do Entorno do Parque Estadual do Jalapão (TO).** Relatório de Atividades, 2002.

SCHMIDT, Isabel Belloni, **Etnobotânica e ecologia populacional de *Syngonanthus nitens*: sempre-viva utilizada para artesanato no Jalapão, Tocantins.** Dissertação de Mestrado: Universidade de Brasília, 2005.

SCHMIDT, I.B., FIGUEIREDO, I.B., BORGHETTI, F. & SCARIOT, A. Produção e germinação de "capim dourado", *Syngonanthus nitens* (Bong.) Ruhland (Eriocaulaceae): implicações para o manejo. **Acta Botânica Brasileira**. 22(1):37-42. 2008.

SEBRAE. **Programa SEBRAE de Artesanato.** SEBRAE, 2004. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br>. Acessado em 20/07/2012.

SILVA, R.B., SANTOS, A.C., SILVA, J.E.C., OLIVEIRA, L.B.T. & ARAÚJO, A.S. Diagnóstico do solo em áreas de ocorrência de capim dourado na região do Jalapão, estado do Tocantins. Amazônia: **Ciência e Desenvolvimento**, Belém, v.6, n.11, jul/dez.2010.

SOUZA, R. R. **Tradição, artesanato do capim dourado e desenvolvimento local no povoado Mumbuca do Jalapão em Mateiros – TO.** Dissertação (mestrado) – UCDB – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS, 2009.

UFMG- **Arte & Artesanato.** Projeto Experimental Artesanato da Escola de Belas Artes da UFMG/2001. Disponível em: <HTTP://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/26marco.html>, Acesso em: 11/08/2012.